



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
POLO UNIVERSITÁRIO - TOMÉ AÇU
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA.

RAYSE RODRIGUES DA SILVA

**O PROCESSAMENTO DA PROSÓDIA IMPLÍCITA NA LEITURA
SILENCIOSA DO PORTUGUÊS ESCRITO POR SURDOS CONGÊNITOS
PROFUNDOS BILATERAIS BILÍNGUES LIBRAS/PORTUGUÊS DO MUNICÍPIO
DE TOMÉ-AÇU-PA**

TOMÉ-AÇU/PA

2017

RAYSE RODRIGUES DA SILVA

**O PROCESSAMENTO DA PROSÓDIA IMPLÍCITA NA LEITURA
SILENCIOSA DO PORTUGUÊS ESCRITO POR SURDOS CONGÊNITOS
PROFUNDOS BILATERAIS BILÍNGUES LIBRAS/PORTUGUÊS DO MUNICÍPIO
DE TOMÉ-AÇU-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará/Campus de
Abaetetuba/Faculdade de Ciência da
Linguagem, para a obtenção do título de
graduada em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Francisca Maria
Carvalho.

TOMÉ-AÇU/PA

2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S586p Silva, Rayse Rodrigues da.
O processamento da prosódia implícita na leitura silenciosa do português escrito por surdos congênitos profundos bilaterais bilíngues Libras/Português do município de Tomé-Açu-PA / Rayse Rodrigues da Silva. — 2017.
23 f. : il.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Francisca Maria Carvalho
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

1. Surdo bilíngue. 2. Marcação prosódica gráfica. 3. Português escrito. I. Título.

CDD 410

RAYSE RODRIGUES DA SILVA

**O PROCESSAMENTO DA PROSÓDIA IMPLÍCITA NA LEITURA
SILENCIOSA DO PORTUGUÊS ESCRITO POR SURDOS CONGÊNITOS
PROFUNDOS BILATERAIS BILÍNGUES LIBRAS/PORTUGUÊS DO MUNICÍPIO
DE TOMÉ-AÇU-PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará/Campus de
Abaetetuba/Faculdade de Ciência da
Linguagem, para a obtenção do título de
graduada em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Francisca Maria
Carvalho.

Tomé-Açu, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Francisca Maria Carvalho
Presidente da Banca

Prof.^a Dr.^a Raimunda Dias Duarte
Membro titular da banca examinadora

Prof.^a Etiene Vaz
Membro titular da banca examinadora

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais, Sr. Ananias Pinheiro da Silva e Sr.^a Maria Socorro Rodrigues da Silva, que tanto me apoiaram e incentivaram o meu desenvolvimento profissional. Dedico também à minha orientadora, à minha irmã, amigos e colegas que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

**O PROCESSAMENTO DA PROSÓDIA IMPLÍCITA NA LEITURA
SILENCIOSA DO PORTUGUÊS ESCRITO POR SURDOS CONGÊNITOS
PROFUNDOS BILATERAIS BILÍNGUES LIBRAS/PORTUGUÊS DO MUNICÍPIO
DE TOMÉ-AÇU-PA**

Rayse Rodrigues da SILVA¹

Francisca Maria CARVALHO²

RESUMO

Neste trabalho investigamos, principalmente, o processamento da prosódia implícita na leitura silenciosa do português escrito por surdos congênitos profundos bilaterais bilíngues Libras/Português. Especificamente, analisamos o processamento da marcação prosódica gráfica na leitura silenciosa do português escrito por este público. Adicionalmente, comparamos a compreensão da leitura silenciosa do português escrito com/sem a marcação prosódica gráfica realizada por surdos congênitos bilaterais bilíngues Libras/Português. Adotamos a “Hipótese da Prosódia Implícita” de Fodor (2002, *apud* Carvalho, 2016) de que tanto as estruturas sintáticas quanto as prosódicas são computadas durante a leitura silenciosa e; a hipótese de Cagliari (1989) em que os sinais de pontuação funcionam como marcadores prosódicos na escrita. Aplicamos, também, um experimento de leitura silenciosa, *off-line*, não cronometrado. Nossos pressupostos foram que a) os surdos bilíngues Libras/Português possuíam e realizariam a prosódia implícita durante a leitura silenciosa do português escrito; b) a marcação prosódica gráfica facilitaria o processamento da leitura silenciosa do português escrito por surdos bilíngues Libras/Português. Participaram deste estudo 08 indivíduos surdos congênitos profundos bilaterais bilíngues Libras/Português, idade entre 15 e 25 anos, que estivessem cursando ou já fossem concluintes do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) do município de Tomé-Açu-Pa. O material consistiu de dois textos da Língua Portuguesa: texto 01 “O Tatu com Vergonha”, com marcação prosódica gráfica; e o texto 02 “O Galo e a Raposa”, sem marcação prosódica gráfica. Assim sendo, 04 participantes leram silenciosamente e responderam um questionário de 06 questões de múltipla escolha do texto com marcação prosódica gráfica e 04 realizaram a mesma tarefa com o texto sem a marcação prosódica gráfica. Os resultados desta pesquisa evidenciaram que os participantes que leram o texto escrito da Língua Portuguesa com a marcação prosódica gráfica obtiveram 63% de acertos. E os participantes que leram o texto escrito da Língua Portuguesa sem a marcação prosódica gráfica atingiram 67% de acertos. Tais evidências nos permitem inferir que a prosódica gráfica não influenciou no processamento da leitura silenciosa de textos escritos do português escrito por surdos congênitos profundos bilaterais bilíngues Libras/Português, contrariando a “Hipótese da Prosódia Implícita” de Fodor (2002). Possivelmente, confirmam as investigações de Carvalho (2016) de que os surdos compreendem os textos escritos da Língua Portuguesa por meio da semântica.

Palavras-chave: Surdo Bilíngue; Marcação Prosódica Gráfica; Português Escrito.

¹ Aluna de graduação em Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará (UFPA) - Polo Tomé-Açu.

² Docente da Universidade Federal do Pará/Campus de Abaetetuba/Faculdade de Ciências da Linguagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. APORTE TEÓRICO	8
1.1 SURDEZ	8
1.2 PSICOLINGUÍSTICA	9
1.2.1 O processamento da segunda língua	10
1.3 INFORMAÇÃO PROSÓDIA NO PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM	11
1.3.1 Prosódia explícita	11
1.3.2 Prosódia implícita	12
1.4 MARCADORES PROSÓDICOS GRÁFICOS (MPG).	13
2 METODOLOGIA	14
2.1 PARTICIPANTES	14
2.2 LOCAIS DA PESQUISA	14
2.3 MATERIAIS EXPERIMENTAL	14
2.4 TAREFA EXPERIMENTAL	16
2.5 ANÁLISE DOS DADOS	17
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	18
REFERÊNCIAS	20

INTRODUÇÃO

O interesse deste trabalho nasceu devido às evidências de estudos relacionados aos problemas envolvendo a aquisição da linguagem e o desenvolvimento do indivíduo surdo, que atribuem dificuldades em aquisição da língua escrita devido a fonologia, principalmente nos sinais de pontuação. Nesta perspectiva, tentamos responder duas questões: 1. Os surdos congênitos profundos bilaterais bilíngues possuem e realizam prosódia implícita na leitura silenciosa do português escrito? 2. A marcação prosódica gráfica facilita o processamento da leitura silenciosa do português escrito por surdos congênitos profundos bilaterais bilíngues?

Desta feita, pressupomos que os surdos congênitos bilaterais bilíngues possuiriam e realizariam a prosódia implícita na leitura silenciosa do português escrito; e a marcação prosódica gráfica facilita o processamento da leitura silenciosa do português escrito por surdos congênitos bilaterais bilíngues.

Assim sendo, o objetivo principal deste estudo é investigar o processamento da prosódia implícita na leitura silenciosa do português escrito por surdos bilíngues Libras/Português. Especificamente, analisar a influência da marcação prosódica gráfica na leitura silenciosa do português escrito por surdos congênitos bilaterais bilíngues Libras/Português do Município de Tomé-Açu. Além de comparar a compreensão da leitura silenciosa do português escrito com/ sem a marcação prosódica gráfica por surdos congênitos bilaterais bilíngues Libras/Português.

O presente estudo está assim organizado: 1. Revisão da literatura; que refere-se à fundamentação teórica: 1.1 Surdez; 1.2 Psicolinguística; 1.3.1 Prosódia Implícita; e 1.4.1 Marcadores Prosódicos Gráficos. Na sequência 3. Metodologia; que descreve os procedimentos da pesquisa. Logo em seguida 4. Resultados e discussões; que exibem os resultados frutos dos Experimentos 1 e 2 em porcentagens, e desta forma, exhibe debates pertinentes a presente pesquisa. Considerações finais, referência bibliográfica.

APORTE TEÓRICO

A seguir trataremos das principais teorias deste estudo, a saber: 1.1 Surdez (GESSER, 1971); 1.2. Psicolinguística (KENEDY, 2016); 1.3. Prosódia Implícita (FODOR, 2002 *apud* CARVALHO, 2016); 1.4. Marcadores Prosódicos Gráficos (CAGLIARI,1989).

1.1 SURDEZ

A doravante análise voltada à surdez tem como referencial teórico Gesser (1971) que problematiza a surdez como um lugar próprio de organização e de construção do conhecimento, de aprendizagem e com identidade própria, que precisa ser respeitada e trabalhada de uma forma comum, ou seja, o diferente neste caso é o outro e não o indivíduo surdo em si.

No campo da surdez temos a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), legitimada oficialmente pelo governo brasileiro pela lei 10.436/2002, ela esta entre as línguas faladas no Brasil, é reconhecida como veículo legal de comunicação e expressão, que apresenta estrutura gramatical própria, que devem ser consideradas principalmente no âmbito escolas, pois apresentam diferença na modalidade de ensino; o surdo é “VISO-ESPACIAL”, diferentemente ouvinte que é “GRÁFICA-ESPACIAL” (QUADROS, 1997 *apud* CARVALHO2016). Dentro do amplo campo relacionado ao surdo podemos encontramos escalas de Surdez.

Segundo a fundação otorrinolaringologista da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), a surdez é denominada como perda auditiva e nela está aferido o grau de perda auditiva que se classifica em leve, moderado, severo e profundo. A surdez pode ser identificada em diferentes escalas, conhecidas como grau de surdez, sendo que esse nível é medido através de exames audiométricos calculados e os resultados em decibéis, a saber: “normal até 25 dB, leve: de 26 a 40 dB, moderada: de 41 a 55 dB; moderadamente severa: de 56 a 70 dB, severa: de 71 a 90 dB, profunda: maior que 91 dB”. (GESSER, 1971, p.72). Na maioria dos laudos médicos sobre surdez, esta é identificada como condutiva, neurossensorial ou mista.

Neste estudo, escolhemos os surdos congênitos profundos bilaterais, visto que estes indivíduos não têm acesso a nenhum som, tornando a aprendizagem dos sinais de pontuação de uma língua oral, neste caso a Língua Portuguesa, uma tarefa nada simples. Diante disso, buscamos apoio na Psicolinguística para compreender como o cérebro da pessoa surda organiza a marcação prosódica gráfica.

1.2 PSICOLINGUÍSTICA

Através de uma aventura cooperativa entre linguistas e psicólogos, surgiu no início da década de 1950 a psicolinguística. Estudos mostram que o termo Psicolinguística teria sido usado na primeira metade do século XX. Porém, no final do século XIX já era usado pelo

psicólogo alemão Wilhelm Wundt, que propôs práticas diversas de estudos de interesse teórico experimental sobre a psicologia nas sentenças e outros temas de instância psicolinguística. Além disso, estudos das relações entre os processos mentais e o comportamento verbal foram desenvolvidos no laboratório do alemão, na Universidade de Leipzig.

A psicolinguística surgiu e trouxe suas origens na ciência behaviorista, muito acolhida e difundida naquele período. A doutrina tinha como base o aprendizado com associações a determinadas condutas linguísticas originadas em resposta a estímulos externos ao sujeito que seriam absorvidos pela repetição. Também pensava-se que pela conexão estímulo-resposta seria possível esclarecer a estrutura da linguagem, bem como acreditava-se que essa linguagem seria adquirida e utilizada por seus falantes. Porém, na década de 1960 a teoria Chomskiana domina a psicolinguística. O teórico Naom Chomsky surgiu revolucionando o campo da linguística através de sua proposta de explicar a natureza do conhecimento linguístico divergente à tradição behaviorista ao apresentar que a linguagem humana não pode ser caracterizada como um sistema de hábitos e repetições, visto que, um dos princípios que orientam a linguagem humana é a capacidade criadora, ou seja, a competência de formar frases que jamais foram ouvidas ou lidas antes. Assim tornou-se perceptível a diferença entre linguagem humana e a linguagem animal.

Atualmente encontram-se algumas definições para a Psicolinguística. De acordo com Bechara (2015), a Psicolinguística “estuda o aspecto psíquico da atividade linguística”.

A Psicolinguística adota dois métodos experimentais: *on-line* e *off-line*. Ambos são aptos para avaliar os processos cognitivos não apenas ao seu término, mas na ocasião em que estes estão acontecendo na mente/cérebro. O primeiro, a psicolinguística *on-line*, é adequada para medir a velocidade dos processos mentais, ou seja, trabalha com exames que se baseiam em verificar as reações obtidas na ocasião da leitura/audição em andamento. Assim, são constatadas quase sincrônicas ao método. “Os experimentos *on-line*, como o próprio nome diz, baseiam-se em medidas a reações obtidas no momento em que a leitura/audição está em curso, são medidas praticamente simultâneas ao processo” (LEITÃO, 2008, p.223). Em contraste com o primeiro, temos a psicolinguística *off-line*, que afere algo apenas após o procedimento ter ocorrido, ou seja, não é cronometrada durante o processo, a velocidade nesse método não é relevante.

Este trabalho traz para a sua análise a Psicolinguística da Leitura, que nos ajuda a entender como o processo de compreensão textual escrito é vivenciado pelos surdos congênitos bilaterais profundos bilíngues Libras/Português. Para Maia (2005), a

psicolinguística da leitura compreende as construções relativas ao processo mental de percepção de processamento de informação durante a leitura, ou seja, os mecanismos mentais das ações relacionadas as informações processadas. Desta forma a psicolinguística utiliza técnica experimental.

1.2.1 O processamento da segunda língua

O processamento da segunda língua pode ser a base para o conhecimento, promovendo pistas relevantes a respeito das normas que conduzem às influências mútuas entre as regras de percepção e as estruturas neurocognitivas implícitas na aprendizagem e ao recurso da linguagem. Assim, de acordo com Finger (2015, p. 158), o Bilinguismo pode “servir como uma janela para a cognição, fornecendo evidências importantes sobre os princípios que regem as interações entre os sistemas cognitivos e os mecanismos neurocognitivos subjacentes à aquisição e ao processamento da linguagem”.

Doravante abordaremos as definições de acordo com Ingrid Finger (2015, p.157) para as questões: 1. O que é a língua materna ou primeira língua (L1)?; 2. O que é a segunda Língua ou L2?; 3.O que é bilinguismo?. Segue abaixo:

1. O que é a língua materna ou primeira língua (L1)?

São termos utilizados em geral para se reportar à língua (ou línguas) que a criança obtém a partir da convivência com os pais até os quatro ou cinco anos de idade.

2. O que é a segunda língua ou L2?

A expressão é empregada para aludir a qualquer outra(s) língua(s) adquiridas depois da primeira (L1) ou das primeiras (L1s). Vale ressaltar também que no caso de adultos, o termo *segunda língua*, pode reportar-se à segunda, terceira, quarta ou qualquer outra que o indivíduo possa adquirir no decorrer da vida.

3. O que é bilinguismo?

É o termo vinculado à competência do uso de duas ou mais línguas. Porém é fundamental saber que o bilinguismo não é fenômeno de linguagem, mas sim, uma especialidade do seu uso. O bilinguismo também necessita de significados específicos, afinal apresenta diferentes definições dependendo da situação de uso. Mas pode ser atrelado a informação e uso de duas línguas.

O Processamento da segunda língua ou bilinguismo aqui está sendo utilizado como a necessidade específica de uso de duas línguas em contextos familiares, fazendo parte da rotina diária dos bilíngues (FINGER, p.157, 2015). Os voluntários deste estudo usam a prática das

duas línguas, Libras - Língua Brasileira de Sinais (L1), a língua gestual da comunidade surda e o Português (L2), língua oficial do país (Brasil) que não pode ser ignorada, pois a L2 é majoritária na forma da escrita, desta forma, podemos observar a importância das duas línguas.

1.3 INFORMAÇÃO PROSÓDIA NO PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM

Apresentaremos, a seguir, um breve resumo sobre o valor da informação prosódica na produção da fala, denominada de prosódia explícita, bem como sobre o seu valor também na leitura silenciosa, denominada de prosódia implícita.

1.3.1 Prosódia explícita

Para Cagliari (1989), a prosódia é a estrutura da linguagem, seja qual for a forma que ela assuma, sempre vai contribuir para o sistema fonológico, para as questões sintáticas e para as situações comunicativas, ou seja, quando o autor fala de sistema fonológico, tenta mostrar que a prosódia se manifesta foneticamente através da tonicidade das palavras, nas questões sintáticas manifesta-se por meio de estruturas de regras gramaticais implícitas e nas situações comunicativas como estratégias discursivas para compreensão do discurso, ou seja, estruturação da continuidade da fala do outro.

Do ponto de vista do significado, a palavra “prosódia” se refere aos fenômenos ligados a fatos sintáticos (tipos de frase: exclamativa, interrogativa, entre outros), à definição semântica (ambiguidade, atos de fala, etc.), à definição sócio-pragmática (usos da linguagem) e às características discursivas e para-linguísticas (atitudes do falante). (CAGLIARI, 1992)

A prosódia ocorre no português através das características das emissões dos sons, na fala, como entonação e acentos. Na escrita, ocorre através da apropriação de elementos de pontuação que faz a escrita ficar mais semelhante a uma conversa. Neste sentido, podemos encontrar a prosódia tanto na língua portuguesa quanto na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e isso faz com que esse trabalho se ocupe de explicar como esses elementos estão presentes nas duas línguas. Segundo Quadros (2009) “enquanto as línguas oralizadas usam o volume e a queda do pitch da voz, volume e pausa para alcançar esses efeitos, a língua de sinais (LIBRAS) aplica posturas faciais, expressões corporais e rítmicas”. Mas não deixa de estar presente, apenas se manifesta de forma diferenciada.

1.3.2 Prosódia implícita

Diante dos estudos feitos, pressupomos que a prosódia implícita é a estrutura da linguagem que permanece subentendida no momento da leitura silenciosa feita tanto por ouvinte quanto por surdo, porém de formas diferentes conforme Maia e Finger (2005).

A expressão prosódia implícita pode ser entendida como um conjunto de informações prosódicas que acompanham a voz interior que pode ser ouvida pelo leitor, durante a leitura silenciosa. Essa voz interior resulta da codificação fonológica, um processo específico da leitura, pelo qual a língua escrita é associada a representações fonológicas. Desse modo, é provável que o surdo, ao ler busque a prosódia interiorizada que tem, mesmo que não seja a voz interior, mas em gestos interiores. (MAIA e FINGER, 2005 *apud* CARVALHO, 2016).

A Prosódia Implícita (doravante HPI) proposta por Fodor (2002) aborda os aspectos das estruturas sintáticas, mais especificamente, a coerência nas seleções que são cometidas, sendo por meio de sentenças, como por meio dos falantes. Fodor acredita que outros motivos não estruturais também possam influenciar nas escolhas de fixação local da palavra. Existem algumas tendências estruturais gerais. Fodor(2002) apresenta que cada frase necessita ser colocada em um local que é destinado a sua estrutura sintática.

1.4 MARCADORES PROSÓDICOS GRÁFICOS (MPG).

Pacheco (2003, p.97) afirma que “os sinais de pontuação funcionam como marcadores prosódicos”. A autora salienta a importância dos MPG para orientar o leitor sobre como este deve se comportar perante a leitura, ou seja, o recurso prosódico gráfico deixa pistas de como o leitor precisa se portar diante dos marcadores presentes nos textos. Partindo das análises de Pacheco (2003), os sinais de pontuação analisados nesta pesquisa foram: Ponto Final, Ponto Seguida, Vírgula, Interrogação, Exclamação. Estes marcadores prosódicos gráficos estavam presentes em um dos textos, o texto com marcação prosódica gráfica. Segue abaixo exemplo de cada MPG:

- a) Era uma vez um tatu.
- b) Você também pode jogar peteca. E lá se foram os três jogar.
- c) Pedro, por que você não vem jogar?
- d) Você quer brincar?
- e) Ah! Meus dedos são muito pequenos.

2 METODOLOGIA

2.1 PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa 10 estudantes surdos. Das entrevistas realizadas não foi possível trabalhar com um dos voluntários, pois não houve autorização da família para a participação deste na pesquisa. Desta forma foi descartado mais um entrevistado, pois o estudo necessita de números pares para manter a eficiência dos resultados e não compromê-los. Assim sendo, o estudo contou apenas com 8 participantes surdos que apresentavam as mesmas características, eles foram divididos em 2 grupos de 4 indivíduos: Grupo 01 – 4 surdos congênitos profundos bilaterais bilíngues Libras/Português, que estão cursando ou já concluíram o Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), do município de Tomé-Açu, com idade entre 15 e 25 anos. Grupo 02 – 4 participantes com o mesmo perfil dos voluntários do Grupo 01.

Destacamos que o estudo selecionou os alunos já concluintes, visto que o pesquisador após observar a demanda dos alunos surdos do município de Tomé-Açu percebeu que não seria suficiente para tal trabalho. Do universo pesquisado, foi construído o seguinte perfil de entrevistados (sexo, idade, escolaridade), havendo variação de sexo, 3 mulheres e 5 homens, porém não foram feitas comparações entre homens e mulheres, com faixa etária entre 15 e 25 anos.

2.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida no município de Tomé-Açu-Pa, através de visita domiciliar aos voluntários da pesquisa. A coleta de dados no período de setembro a dezembro de 2016.

2.3 MATERIAL EXPERIMENTAL

Aplicamos dois testes *off-line*, não cronometrados, sendo compostos por dois textos pertencentes ao gênero fábula. São eles: Texto 01 “O Tatu Envergonhado” (ALVES, 2010) com marcação prosódica gráfica (doravante CM), que já foi aplicado para crianças surdas oralizadas e sinalizadoras, com faixa etária entre 7 e 14 anos, realizados em clínicas e escolas

de ensino especializado localizadas em Belo Horizonte-MG. O Texto 02 “O Galo e a Raposa” (CARPANEDA; BRAGANÇA, 2003) sem marcação prosódica gráfica (doravante SM), foi escolhido por esta pesquisadora por pertencer ao mesmo gênero que o Texto 01.

Para as fábulas citadas acima foram elaboradas 06 questões objetivas de múltipla escolha referentes ao texto. Ambos os textos foram analisados e aprovados para aplicação do teste de compreensão por duas professoras que trabalham no AEE (Atendimento Educacional Especializado) do município de Tomé-Açu. Elas são especialistas em trabalhos com crianças e jovens surdos e atuam na área da educação especial. Segue abaixo Texto 01 e Texto 02, acompanhados de 06 questões objetivas de múltipla escolha referentes ao texto.

TEXTO 01 – COM MARCAÇÃO (CM)

O TATU COM VERGONHA

Era uma vez um tatu que morava em um buraco. Ele tinha muita vergonha e ficava escondido no buraco. O sapo e o macaco decidiram convidar o tatu.

Tatu, por que você não vem brincar com a gente? Nós vamos brincar de peteca. Você quer?

- Ah! Mas meus dedos são muito pequenos – disse o tatu.

- Não faz mal! Você também pode jogar com o rabo. E lá foram os três jogar peteca. Assim o tatu saiu do buraco e ficaram amigos.

QUESTIONÁRIO

- 1) Onde o tatu morava?
() casa () floresta () buraco.
- 2) Como o tatu ficava?
() alegre () com vergonha () triste.
- 3) Quem convidou o tatu para brincar?
() o sapo e o macaco () o sapo e o cachorro () o macaco e o elefante.
- 4) Do que eles foram brincar?
() futebol () peteca () esconde- esconde.
- 5) Como eram os dedos do tatu?
() grandes () grossos () pequenos.
- 6) O que aconteceu no final da história?
() foram comer () foram embora () foram jogar.

TEXTO 02 – SEM MARCAÇÃO (SM)

O GALO E A RAPOSA

A raposa queria comer um galo que cantava empoleirado num galho de árvore
Dando uma de boazinha a raposa disse
Bom dia amigo Já soube da novidade Agora todos os bichos vão viver em paz Acabou essa
história de um comer o outro Desça, venha conversar comigo
O galo desconfiado pensou e fez um teste para saber se a raposa estava dizendo a verdade
Falou
Que bom Daqui estou vendo uma matilha de cães se aproximando Vamos festejar juntos

Cães Bem amigo é melhor eu ir andando
 O que é isso Está com medo dos cães agora que estamos vivendo um período de paz
 Bem não é medo E se eles ainda não souberam da Novidade

Moral: Cuidado com as amizades muito repentinas

QUESTIONÁRIO

- 1) Quem queria comer o galo?
 cachorro leão raposa.
- 2) Quem cantava empoleirado?
 gavião galo passarinho.
- 3) Onde o galo ficava cantando?
 terreiro galho galinheiro.
- 4) A raposa queria se passar de que?
 brígida mandona boazinha.
- 5) O galo disse está vendo se aproximar?
 enxame de abelha manada de bois matilha de cães.
- 6) Depois do teste do galo o que disse a raposa?
 é melhor eu ir andando que bom que estão vindo vou esperar eles aqui.

TEXTO 02-ORIGINAL

O Galo e a Raposa

A raposa queria comer um galo que cantava empoleirado num galho de árvore.
 Dando uma de boazinha, a raposa disse:
 — Bom dia, amigo! Já soube da novidade? Agora todos os bichos vão viver em paz. Acabou essa história de um comer o outro. Desça, venha conversar comigo!
 O galo, desconfiado, pensou e fez um teste para saber se a raposa estava dizendo a verdade. Falou:
 — Que bom! Daqui estou vendo uma matilha de cães se aproximando. Vamos festejar juntos!
 — Cães? Bem, amigo, é melhor eu ir andando.
 — O que é isso? Está com medo dos cães, agora que estamos vivendo um período de paz?
 — Bem... não é medo. E se eles ainda não souberam da novidade?

Moral: Cuidado com as amizades muito repentinas.

Fábula de Escopo recontada por Isabella Carpaneda e Angiolina Bragança

2.4 TAREFA EXPERIMENTAL

A tarefa dos 08 participantes foi: Grupo 01 leu silenciosamente o Texto 01 “O Tatu Envergonhado” (ALVES, 2010) com marcação prosódica gráfica. Em seguida cada participante respondeu 06 questões de múltiplas escolhas relacionadas ao Texto 01. De igual modo, o Grupo 02 leu silenciosamente o Texto 02 “O Galo e a Raposa” (CARPANEDA; BRAGANÇA, 2003) sem marcação prosódica gráfica. Em seguida, os participantes do Grupo

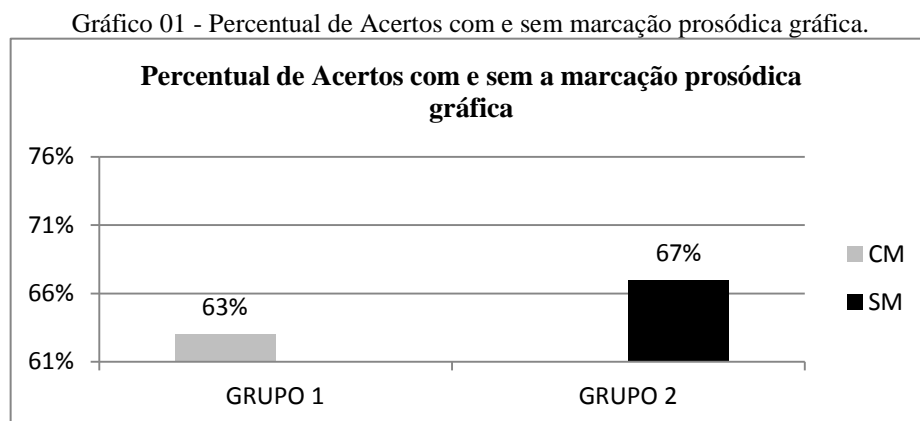
01 e do Grupo 02 leram silenciosamente e responderam 06 de múltiplas escolhas relacionadas ao Texto 01 e ao Texto 02, respectivamente. É importante ressaltar que os participantes do Grupo 01 que realizaram o teste com Texto 01 não participaram do teste com o Texto 02 e vice-versa.

2.5 ANÁLISE DOS DADOS

Analisamos o percentual de acertos do Grupo 01 e do Grupo 02, correspondentes a 12 questões objetivas, sendo 06 do Texto 01 e 06 do Texto 02. Em seguida, comparamos o percentual de acertos entre os grupos citados. Destacamos que o percentual de acertos dos grupos está relacionado à compreensão da leitura, ou seja, quanto maior a compreensão textual maior a probabilidade de acertos nas perguntas referentes ao texto abordado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Gráfico 01 abaixo mostra que G1 atingiu 63% de acertos das questões referentes ao Texto 01 “O Tatu Envergonhado” com marcação prosódica gráfica (CM). Já o Grupo 02 obteve 67% de acertos das questões relacionadas ao Texto 02 “O Galo e a Raposa” sem marcação prosódica gráfica (SM).



Diante dos números, podemos constatar que as hipóteses deste estudo se confirmaram parcialmente, visto que os participantes do Grupo 01 acertaram (63%) mais do que erram (37%) na leitura do Texto 01 com marcação prosódica gráfica. O que nos permite inferir que para este grupo, possivelmente, a marcação prosódica gráfica influenciou no processamento da leitura silenciosa de textos escritos do português escrito por surdos congênitos profundos, bilaterais bilíngues Libras/Português. No entanto, quando comparamos as respostas do Texto

01 com marcação e do Texto 02 sem marcação entre os Grupos, os dados evidenciaram que o Grupo 02 obteve melhor desempenho na leitura silenciosa do texto sem os sinais de pontuação.

Diante da análise acima, é importante ressaltar que os mecanismos de marcação gráfica obtidos na escrita, possivelmente sejam relevantes aos ouvintes, ou seja, “os recursos usados na escrita para representar variações prosódicas, os marcadores prosódicos da escrita, são unidades efetivamente percebidas pelos ouvintes” (PACHECO, 2004, p. 234). Diferentemente, os surdos congênitos profundos bilaterais bilíngues Libras/Português, provavelmente, não reconheceram as variações prosódicas na leitura silenciosa. Como já foi mencionado anteriormente, Quadros (2009) afirma que “enquanto as línguas oralizadas usam o volume e a queda do *pitch* da voz, volume e pausa para alcançar esses efeitos, a língua de sinais (LIBRAS) aplica posturas faciais, expressões corporais e rítmicas”.

A posição assumida por Bellugi (2002) e Barbosa (2011) que trabalham a mesma vertente a respeito das línguas de sinais, porém Bellugi aborda a Língua Americana de Sinais, enquanto Barbosa considera a Língua Brasileira de Sinais, entretanto ambos cogitam uma possível existência de um nível fonológico para a língua de sinais, a chamada “fonologia sem som”. Esses autores esclareceram que:

A pesquisa sobre a estrutura dos sinais léxicos demonstrou que, à semelhança das palavras das línguas faladas, os sinais são fracionados em elementos subléxicos. Os elementos que distinguem os sinais (em forma de mãos, movimentos, locais de articulação) estão em disposições espaciais contrastantes e ocorrem concomitantemente com a execução do sinal. (Bellugi, 2002 *apud* Costa 2012)

Nesse mesmo caminho, a respeito da fonologia sem som, é importante perceber que os recursos fonológicos nas línguas orais e nas línguas de sinais divergem no momento da articulação de cada uma. Assim, Barbosa (2011 *apud* CARVALHO, 2016) apresenta que na “Língua Portuguesa (LP) a unidade mínima é o som (fonema) e, na LIBRAS, a articulação das mãos corresponde aos fonemas”. A articulação é nomeada de parâmetros que procedem na combinação dos fonemas, desenvolvendo, portanto, os sinais, que nesse caso irão corresponder às palavras. Os parâmetros da LIBRAS segundo Barbosa (2011) são cinco, a saber, as configurações de mãos - a forma da mão; o ponto de articulação - o lugar onde se posiciona a mão; o movimento - os sinais podem ter ou não; a orientação - a direção do sinal; e a expressão facial/corporal - muitos sinais necessitam de expressões feitas pelo rosto/ou corpo.

Carvalho (2016) aplicou um teste *on-line* para surdos com as mesmas características deste estudo. A referida autora concluiu que eles levaram mais tempo nas sentenças ambíguas com vírgula do que sem vírgula. Nesta perspectiva, ela inferiu que os surdos pesquisados se apropriaram da sintaxe e da semântica para compreenderem o texto escrito da Língua Portuguesa, mas não pelo sistema fonológico.

Para Kennedy (2016), a sintaxe e a semântica são constituintes da gramática que apresentam um conjunto de normas, porém, o que as difere são as funções desempenhadas por cada uma, sendo que a sintaxe realiza o papel de “arrumadeira” da língua com suas organizações entre palavras, sintagma e orações, ou seja, “o módulo sintático contra que tipo de combinações podem ser feitas e quais não podem ser feitas entre palavras, sintagmas e orações” (KENEDY, 2016, p.44). Já a semântica analisa o significado e a interpretação do significado de um vocábulo, podendo ser de um signo, de uma frase ou de uma expressão em um determinado contexto. Para maior entendimento, recorreremos a Ferrarezi Junior (2008), que conceitua a Semântica como:

[...] a subdivisão da linguística que desenvolve seus estudos – das manifestações linguísticas do significado, ou seja, dos sentidos – tomando como base a seguinte concepção geral: uma língua natural é um sistema de representação do mundo e de seus eventos. Para poder fazer isso, uma língua usa sinais cujos sentidos são especializados em um contexto, sendo que este só tem sentido especializado em um cenário [...] (FERRAREZI JUNIOR, 2008 *apud* LIMA, 2014).

A compreensão da leitura em L2 se faz relevante na perspectiva da Semântica pelo fato de tanto a L1 quanto a L2 trabalharem da mesma forma a função semântica, ou seja, o *SIGNIFICANTE/SIGNIFICADO*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Nosso estudo questionou se surdo congênito profundo bilateral bilíngue possuía e realizaria a prosódia implícita na leitura silenciosa do português escrito. Se a marcação prosódica gráfica facilitaria o processamento da leitura silenciosa do português escrito por surdo congênito profundo bilateral bilíngue. Inicialmente, esperávamos que os surdos congênitos bilaterais bilíngues Libras/Português possuíssem e realizassem a prosódia implícita na leitura silenciosa do português escrito. Da mesma forma, que a marcação prosódica gráfica influenciasse o processamento da leitura do português escrito por surdos congênitos bilaterais bilíngues. Assim sendo, investigamos o processamento da prosódia implícita na leitura silenciosa de textos escritos da Língua Portuguesa por surdos bilíngues

Libras/Português. Especificamente, analisamos o processamento da marcação prosódica gráfica por surdos congênitos bilaterais bilíngues Libras/Português do Município de Tomé-Açu. Comparamos a compreensão da leitura silenciosa do português escrito com/sem a marcação prosódica gráfica por surdos congênitos bilaterais bilíngues Libras/Português.

Após a análise dos dados, o Grupo 01 apresentou menor percentual (63%) de acertos no Texto 01 “Tatu Envergonhado” com a marcação prosódica gráfica, quando comparado ao Grupo 02 que atingiu maior percentual (67%) de acertos no Texto 02 “O Galo e a Raposa” sem marcação prosódica gráfica. Neste sentido, podemos inferir que os surdos congênitos profundos bilaterais bilíngues Libras/Português compreenderam os textos aplicados, no entanto, a marcação prosódica não influenciou no desempenho da leitura silenciosa, embora o percentual de acertos seja superior parece irrelevante devido apresentar apenas 4% de diferença de um grupo ao outro, conforme o gráfico analisado, desta forma, o percentual de acertos da leitura do Texto 02 sem os sinais de pontuação realizada pelo Grupo 02 foi possível observar uma pequena variação ao percentual de acertos do Texto 01 com os sinais de pontuação efetivamente pelo Grupo01,

Complementarmente, podemos afirmar que os marcadores prosódicos gráficos não influenciaram no processamento da leitura silenciosa de textos escritos do português escrito por surdos congênitos profundos, bilaterais bilíngues Libras/Português, contrariando a “Hipótese da Prosódia Implícita” de Fodor (2002). Possivelmente, confirmam as investigações de Carvalho (2016) de que os surdos compreendem os textos escritos da Língua Portuguesa por meio da interface sintaxe-semântica. Afinal, a semântica tanto em L1(LIBRAS) quanto L2 (PORTUGUÊS) constituem estruturas gramaticais. A diferença entre elas está na modalidade, pois em L1 é “VISO-ESPACIAL” (QUADROS, 1997, p.61), já para L2 é “GRÁFICA-ESPACIAL” (QUADROS, 1997 *apud* CARVALHO2016). Porém, a semântica nas duas línguas é empregada da mesma forma, *SIGNIFICANTE/SIGNIFICADO*, conforme Lima (2014, p. 2).

As nossas hipóteses foram confirmadas parcialmente. Diante disso, levantamos os seguintes questionamentos: os surdos realmente desconhecem os marcadores prosódicos gráficos do português escrito ou eles não sabem usar os sinais de pontuação adequadamente? Acreditamos que a contribuição da psicolinguística para futuras pesquisas relacionadas ao surdo é imprescindível, pois apresenta um amplo campo de informações que possam ajudar a entendermos melhor a compreensão textual do leitor surdo. Desta feita, os pesquisadores devem apropriar-se de recursos experimentais como a eletroencefalograma, ferramenta de análise no que circunda a aquisição e o uso das línguas naturais, com o intuito de

compreender o processamento cognitivo do surdo, só assim será possível desenvolver metodologias eficientes para o ensino-aprendizagem do português como segunda língua para o surdo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luciana Mendonça; GOMES, Adriana Martins; TRIGINELLI, Érika Razetti; SILVA, Reginiane Ferreira da. **A compreensão de textos por crianças deficientes auditivas profundas oralizadas e sinalizadoras**. Centro Universitário Metodista Izabel Hendrix, Belo Horizonte, 2010, p. 160.
- BECHARA, Evanildo (1928). **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- CAGLIARI, L.C **Marcadores prosódicos na escrita**. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 18.1989, Lorena. *Anais...*Lorena: Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, p.195-203. 1989.
- CARVALHO, Maria Francisca. **O processamento da percepção do recurso gráfico na leitura silenciosa por surdos bilíngues libras/português escrito: uma abordagem experimental com sentenças temporariamente ambíguas**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais-BH, 2016, p.133.
- CARPANEDA, Isabella; BRAGANÇA, Angiolina. **O galo e a raposa**, fábula recontada. Disponível em: <http://meucantinhodesugestes.blogspot.com.br/2013/03/pontuando-textos.html>, Acesso em: 12. Set. 2016, às 9:30 h.
- Fundação otorrinolaringologista da faculdade de medicina da USP (FMUSP). Disponível em: <http://www.otorrinousp.org.br/>. Acesso em: 16. Jan. 2017, às 19:00 h.
- GESSER, Audrei (1991). **LIBRAS? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. Prefácio de Pedro M. Garcez. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FINGER, Ingrid. **Processamento da segunda Língua**. In: MAIA, Marcus. (Org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.
- LEITÃO, M. **Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem**. In: MARTELOTTA, M. (Org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto. 2008.
- LIMA, Ediane Silva. **Alguns Aspectos Semânticos da Libras: Um Estudo do Léxico de Seus Sinais em Suas Relações de Sinonímia, Antonímia, Homonímias, Homógrafas e Polissemia**. Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2014.
- PACHECO, Vera. **O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção dos marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do português brasileiro**. Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- QUADROS, Ronice Müller; PIZZIO, Aline Lemos. **Aquisição da Língua de Sinais**. Universidade Federal de Santa Catarina - Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância, 2011.

MAIA, Marcus. (Org.) **Psicolinguística, psicolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015, p. 208.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. 1. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016, p. 44.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. *A visão funcionalista da linguagem no século XX*. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARMELOTTA, Mário Eduardo Toscano. (Org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, p. 17-28.

VISIOLI, Ângela Cristina Calciolari. **Política de ensino de Língua Portuguesa e Prática docente**. Universidade Federal de Maringá. 2004.